



MARTON, Scarlett. **Nietzsche e a arte de decifrar enigmas**: treze conferências europeias. São Paulo: Edições Loyola, 2014. (Coleção Sendas & Veredas).

Ítalo Kiyomi Ishikawa

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil

O décimo quarto livro da professora Scarlett Marton (USP), trazido a público pelas Edições Loyola em fins de 2014, reúne treze trabalhos apresentados e/ou publicados pela autora na França, Espanha, Itália e Portugal entre 2009 e 2015. Cada um dos capítulos é dedicado a uma obra publicada – ou preparada para publicação – por Nietzsche, com exceção do segundo capítulo que se propõe a analisar conjuntamente os quatro livros das *Considerações Extemporâneas*. Assim, o novo livro de Marton realiza um percurso abrangente pela obra nietzschiana, ao passo que o faz de forma transversal ao eleger aspectos essenciais da filosofia de Nietzsche para análise.

Com a elegância e a perspicácia características de seu estilo, a intérprete pondera sobre temas célebres do pensamento nietzschiano, contudo, o que torna a publicação em tela importante não são somente os comentários construídos sobre a filosofia nietzschiana, mas a *forma* como a autora procura evidenciar as estratégias com as quais o filósofo mobiliza o seu pensamento. Filólogo por formação, Nietzsche se tornou célebre por construir seus textos com uma riqueza de estilos que ultrapassa o comum da tradição filosófica ocidental, nele encontram-se textos dissertativos, poemas, prefácios para livros escritos e não-escritos, paródias, aforismos que formam uma sutil relação entre si e outros tantos aforismos que não possuem conexão

evidente. O tom ora irônico, ora polêmico ou moralista que atravessa o texto nietzschiano o torna atraente aos olhos do público, e a beleza literária do autor é contraposta por obstáculos deliberadamente escolhidos por ele próprio a fim de selecionar seus leitores. Enquanto autor, Nietzsche tem a pretensão de não ser lido por qualquer um, mas ele visa possuir leitores que tenham instintos análogos aos seus, e com o intuito escolher os seus futuros leitores o filósofo deixou uma série de indícios de como quer ser lido pelas gerações posteriores. Atenta às indicações de Nietzsche, Scarlett Marton evidencia a fina estratégia com a qual o filósofo constrói seus argumentos, e nesse sentido busca trazer à tona questões de estilo que, em Nietzsche, não são dissociáveis de questões filosóficas.

Nos capítulos dedicados ao *Nascimento da Tragédia* e à *Aurora*, ela contesta os comentários de um intérprete que aparentemente seria imune de objeções, o próprio Nietzsche. No *Ecce Homo*, o filósofo afirma que o seu primeiro livro estaria marcado pelo hegelianismo, e afirma ter operado já em *Aurora* a transvaloração dos valores. Na visão de Marton, as considerações tardias de Nietzsche às suas obras revelam muito mais o pensamento do filósofo à época do *Ecce Homo* do que se prestam ao estatuto de comentário. Para corroborar o seu ponto de vista, Marton acompanha o par apolíneo – dionisíaco no *Nascimento da Tragédia* e mostra que a união ocorrida entre o par estético é provisória e não se configura como uma síntese hegeliana. Em *Aurora*, segundo ela, Nietzsche não realiza a transvaloração dos valores, mas dá um passo no sentido de prepará-la, e para ratificar essa tese ela sugere a reflexão da epígrafe que abre a obra em conexão com o seu último aforismo, tal leitura permite compreender que a filosofia de Nietzsche aponta para novas manhas para a história da moral.

Ao mirar suas análises para *Humano, demasiado Humano* e para a *Gaia Ciência*, a professora Marton elege como objeto de reflexão várias imagens da mulher construídas nessas obras. Ela chama a atenção para três imagens do feminino que são elaboradas por Nietzsche em *Humano, demasiado Humano*; enquanto que, ao se debruçar sobre a *Gaia Ciência*, ela relaciona a imagem da mulher à ideia da verdade, pois ambas representações são construções idealizadas que moldam os homens e se transformam em objetos por eles almejados. Do ponto de vista metodológico, a interpretação parte da refutação da hipótese em se valer da biografia de Nietzsche para compreender as imagens da mulher em *Humano, demasiado Humano*, e em contrapartida Marton se vale de um método mais eficiente, ela investiga a influência de filósofos franceses

que estão no cerne da obra, o que permite uma compreensão mais apurada do que a simples relação da obra com a biografia do autor. Para relacionar a imagem da mulher à ideia da verdade, a intérprete analisa a fina relação estabelecida por Nietzsche numa sequência de aforismos da *Gaia Ciência*, tal conjunto de textos tem de ser lido e interpretado em conjunto.

No sexto capítulo, a autora problematiza as diferentes versões de *Assim falava Zaratustra*, pois Nietzsche publicou aos poucos os quatro livros que compõe a obra. Ela chama a atenção para o fato de que o quarto livro teve uma tiragem muito limitada, sendo distribuída aos amigos de forma confidencial por Nietzsche. E mais, ao agregar os livros para a publicação da obra completa do *Zaratustra*, Nietzsche deixa de fora o quarto livro. Segundo Marton, a problematização sobre as versões da obra ultrapassa o escopo editorial, pois a diferença filosófica em se tomar uma obra intitulada *Assim falava Zaratustra* em três ou quatro livros é essencial, porquanto é somente no quarto livro da obra que ocorre a transvaloração dos valores, sem o quarto livro ela não ocorre no drama da estória. As considerações da professora Scarlett sobre o *Zaratustra* passam, também, por uma ponderação sobre a riqueza de estilos da obra e sobre o propósito de seu enigmático subtítulo, “*Um livro para todos e para ninguém*”.

Ao analisar *Para além de Bem e Mal*, a intérprete se propõe a operar uma ligação entre o prefácio e o final do livro, para terminar com uma breve consideração sobre a canção epílogo. Na análise de Marton, a suspeita nietzschiana que recai sobre a escrita dogmática da filosofia pode ser dirigida ao próprio Nietzsche, que confessa que seus pensamentos se tornam “pássaros engaiolados” quando transpostos em palavras e perdem o frescor de quando eram apenas pensamentos. Contudo, segundo ela, se Nietzsche coloca sob suspeita o procedimento dogmático dos filósofos e sua escrita, o esforço de Nietzsche, em contrapartida, é de tentar criar uma nova forma de expressão de pensamentos, um novo tipo de escrita que lança mão de máscaras que ocultam o autor e revelam o seu pensamento.

Marton se propõe a analisar a *Genealogia da moral* a partir do zelo didático com o qual Nietzsche preparou a obra e perscruta os fins estratégicos com os quais o autor mobiliza o seu “escrito polêmico”. Ela chama a atenção para a forma dissertativa do livro, que se assemelha mais ao “comum” da filosofia e, segundo ela, Nietzsche tem uma preocupação especial com o leitor da *Genealogia*, o que se revela pela quantidade de referências às suas obras anteriores, especialmente *Assim falava Zaratustra* e *Para além de Bem e*

Mal. Ao sondar o parentesco da *Genealogia* com as duas obras precedentes, ela procura evidenciar que alguns temas das obras anteriores são retomados através de diferentes formas de experimento filosófico. E após pontuar alguns elementos conceituais fundamentais da *Genealogia*, a autora termina o capítulo utilizando algumas considerações do *Ecce Homo* sobre a *Genealogia*, o que a autoriza afirmar que a riqueza de estilos no interior da obra corresponde à riqueza de impulsos do autor, que encontram vazão através da escrita.

Ao examinar o *Caso Wagner*, Marton utiliza a ideia de *décadence* literária de Paul Bourget, escritor que influenciou Nietzsche, para examinar a decadência da cultura wagneriana diagnosticada pelo filósofo, e sob o nome Wagner não se encontra na crítica nietzschiana apenas o autor da *Tetralogia*, mas a crítica voltada a Wagner é dirigida sobretudo à modernidade, da qual o músico é um tipo exemplar. Segundo ela, a cultura wagneriana é marcada por um profundo antagonismo, pois comporta em si uma ideia de aristocratismos que acaba por dar voz ao cristianismo. A autora chama a atenção para o fato de que ao mesmo tempo que Nietzsche quer superar a decadência da cultura moderna e wagneriana ele se reconhece como moderno e wagneriano, sintomas de uma doença que para ser combatida e superada é necessário tanto o seu diagnóstico quanto o aprofundamento de suas tensões constituintes.

Ao explorar o *Crepúsculo dos Ídolos*, Marton procura evidenciar como Nietzsche confere um tratamento diferenciado a uma mesma questão em dois momentos distintos da obra que é um *divertissement* do ato de fazer ruir ídolos. No capítulo “*O caso Sócrates*”, a professora da USP busca revelar como Nietzsche, ao modo de um psicólogo, identifica as avaliações morais da vida como um sintoma de vidas degeneradas, pois o valor da vida, segundo Nietzsche, não pode ser avaliado. No capítulo “*A moral como contranatureza*”, o filósofo retoma o tema da impossibilidade da avaliação do valor da vida, não porque deva existir uma proibição dogmática a esse tipo de ponderação, mas o que Nietzsche quer evidenciar a partir de sua psicofisiologia é o desconhecimento dos metafísicos de que as avaliações morais nada mais são do que perspectivas adotadas por critérios já dados na própria vida, assim o homem não pode se colocar objetivamente acima da vida para poder avaliá-la. O capítulo se encerra com uma ponderação a respeito do estatuto do *Crepúsculo dos Ídolos* no conjunto da obra de Nietzsche e, de acordo com Marton, a obra cumpre a guerra que o filósofo move contra todo idealismo e também mobiliza aspectos positivos de sua filosofia, que cumpre dizer sim à vida.

No capítulo dedicado ao *Anticristo*, a professora Scarlett se propõe a investigar a noção de filologia numa sequência de seções que debatem a “psicologia da fé” (AC 50 – 55), e ao evidenciar uma passagem do 52, na qual Nietzsche afirma que a filologia é “a arte de ler bem – poder decifrar fatos *sem* falsificá-los com interpretações”, a intérprete mobiliza um questionamento que é contraposto à noção de interpretação como imposição de sentidos, ideia que se tornou popular na recepção da filosofia nietzschiana. Contudo, a comentadora constrói uma fina argumentação que desfaz a aparente contradição entre as duas concepções de filologia em Nietzsche, segundo ela, a não-falsificação da leitura filológica consiste no olhar perspectivo que pesa os prós e os contras do texto e ausculta suas entrelinhas, e o cristianismo seria, nesse conjunto de seções da obra, uma corrupção dos instintos que termina por construir uma má-filologia.

No penúltimo capítulo, dedicado ao *Ecce Homo*, a professora Marton procura investigar o estilo literário da obra e constata que ela não se encaixa entre as autobiografias que então se popularizavam no século XIX. A autora encontra nos moralistas franceses, especialmente em Montaigne, uma influência no modo de se abordar a própria história que não se fixa na ideia de subjetividade cartesiana, mas na abordagem de episódios e temas que, sem aparente conexão entre si, fornecem uma forma de se pensar a vida a partir da justaposição de conflitos. Por fim, Marton procura refletir sobre o registro teórico no qual o *Ecce Homo* se inscreve na obra de Nietzsche.

O último capítulo se propõe a refletir sobre o lugar à parte que o livro *Nietzsche contra Wagner* ocupa no *corpus* nietzschiano, pois ele é composto, em grande parte, da compilação de textos já publicados por Nietzsche. Marton chama a atenção para o fato de que livro foi preparado por Nietzsche, contudo, o autor não trouxe o livro a público durante sua atividade intelectual e também não chegou a dar sua autorização expressa para publicação. A professora Marton concentra sua reflexão sobre o capítulo “*Nós antípodas*” porque o considera central para a compreensão da obra, neste capítulo de virada no interior do livro o nome Wagner pode ser compreendido não só como o autor do *Parsifal*, mas o nome Wagner significa, antes de tudo, a vivência Wagner, ou seja, a equivocada adesão do jovem Nietzsche ao romantismo, e tal adesão é vista em retrospectiva por Nietzsche em 1888 como uma doença pela qual se chega à saúde. A intérprete termina sua reflexão sobre o livro, afirmando que, no final das contas, a obra acaba por colocar *Nietzsche contra Nietzsche*, no sentido de que se trata de um acerto de contas do autor com o seu próprio pensamento.

Após percorrer os treze capítulos de *Nietzsche e a arte de decifrar enigmas*, o leitor iniciante na filosofia nietzschiana terá um excelente panorama tanto dos problemas filosóficos propostos nas obras de Nietzsche quanto das estratégias e dos estilos empregados pelo autor, e a mão que conduz o leitor nesse percurso é de uma autora que dedicou seu magistério na formação de gerações de pesquisadores, e que com segurança e clareza traz ao público de língua portuguesa conferências europeias que se tornam reconhecidas no outro lado do Atlântico. Ao leitor já iniciado na pesquisa Nietzsche, Marton oferece a indicação de uma farta bibliografia que cobre grande parte da *Nietzsche Forschung* a partir da segunda metade do século XX, e tal cuidadosa atenção à filosofia que se fez a partir de Nietzsche é uma das marcas fundamentais do trabalho da autora.

Ítalo Kiyomi Ishikawa

Doutorando em filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR),
e-mail: prof.italo@yahoo.fr

Recebido: 10/03/2015

Received: 03/10/2015

Aprovado: 29/04/2015

Approved: 04/29/2015